

ENTREVISTA COM O PROFESSOR MARCELO BADARÓ

– REALIZADA POR ADRIANA HASSIN SILVA -

1^A PARTE.

1) Badaró, você pode me falar dos seus avós ?

R: Posso. Por parte de mãe eu tinha dois avós, todos são falecidos, os quatro, mineiros. Um, o avô era Adriano Badaró, foi tropeiro, proprietário de fazenda de gado, não é, e era bem mais velho que minha avó, chamava-se Cecília Badaró e minha avó foi estudante, era da Capital, e se casou bem novinha com esse fazendeiro e foram morar no interior.

2) É... e seus pais ?

R: Bom, tem os avós

... tem os outros avós...

R: Os avós por parte de... Foi avós por parte de pai. Meu avô por parte de pai chamava-se Emetério Mattos, era vidraceiro e teve quatro filhos homens. Minha avó se chamava Filomena, Filomena Mattos e o último a falecer foi meu avô por parte de pai, que faleceu ano passado. Minha avó também era dona de casa.

3) Aqui no Rio de Janeiro ?

R: Aqui no Rio, moravam no Irajá. É... é isso.

4) E seus pais ?

R: Meus pais... Geraldo, Geraldo Lamego Mattos, engenheiro, tá aposentado hoje em dia e sitiante. Planta côco. Minha mãe, Irene Badaró Mattos, professora também aposentada hoje em dia mas continua lecionando em cursos de pós-graduação. Ela é formada em Pedagogia, na verdade, e foi orientadora educacional durante um bom tempo, antes de começar a dar aula.

5) E sua família hoje ? Esposa, filhos...

R: Eu hoje tô no segundo casamento, eu tenho um filho que se chama João Miguel e tem 8 anos de idade. E minha atual esposa...

6) Do primeiro casamento ?

R:...do primeiro casamento. E minha atual esposa, Adriana Facina, dá aula nessa universidade, de História Contemporânea.

7) E você percebe alguma relação entre a sua trajetória familiar e a sua trajetória de escolha de profissão ?

R: A relação que existe é que eu sou eh... filho de assalariados médios, que tiveram a possibilidade de chegar à universidade, meu pai graças ao sacrifício de um pai operário que bancou estudos em... isso não vai sair.... [preocupação expressa pela altura da música que tocava no pátio da universidade. Interrupção na fita, conferência do som e imediata continuação].

Como eu tava falando, a relação entre meus pais e minha formação tem haver principalmente com o fato de eu ter tido facilidades pra chegar à universidade, coisa que meus pais não tiveram. O meu pai por uma questão de classe, filho de operário vidraceiro que se esforçou para bancar estudos, bancou estudos em escola particular, inclusive, dos 4 filhos, dois deles se formaram, porque quiseram ir adiante nos estudos e se formaram na antiga Universidade do Brasil. O meu pai como engenheiro, na Faculdade Nacional de Engenharia e um dos meus tios como advogado, não é, pela velha faculdade de Direito, né. Minha mãe teve dificuldades de cursar a universidade não por questões financeiras, meu avô

embora não tenha morrido muito bem era, à época que ela se casou, fazendeiro bastante próspero, tinha muitas terras, mas por questões de gênero, porque ela ao se formar professora de 1º e 2º grau e ingressar no curso de pedagogia na cidade onde morava em Minas, em Muriaé, ela se casou e normalmente a perspectiva da mulher que se casava era se transformar em dona de casa. E ela passou alguns anos como dona de casa até que ela resolveu voltar aos estudos, então ela estudou, já mais velha um pouco, ela cursou pedagogia numa faculdade particular aqui no Rio de Janeiro e depois chegou a fazer o mestrado na UERJ e deu aula a maior parte do tempo de profissão dela, foi orientadora educacional e depois deu aula no CEFET, né, aqui no Rio. E, quer dizer, as dificuldades que meus pais tiveram eu não tive porque eram dois profissionais de nível superior que davam valor à questão educacional. Eu estudei em colégios privados até ao que se chamava na época 8ª série do 1º grau e depois a minha possibilidade de 2º grau, melhor, era prestar concursos. Era época da ditadura militar, os concursos mais prestigiados eram pras escolas militares, a EPICAR, que formava os cadetes da aeronáutica, o Colégio Naval, da Marinha e a ESPECEX que formava os cadetes do Exército, mas embora eu me identificasse com a coisa dos aviõezinhos e quisesse estudar na EPICAR não podia estudar quem era menor de 14 anos, e por conta da 5692 eu tinha dois anos adiantado na escola, eh.. e aí eu não, não podia entrar. Nas outras duas eu não me interessava, eu acabei fazendo prova pra antiga Escola Técnica Federal, que tava mudando de nome pra CEFET naquela época. Até aí tem alguma influência familiar. Eu tava ingressando numa carreira técnica, embora não fosse em construção civil que seria o sonho do meu pai, engenheiro de construção civil que entende que a engenharia começa pela construção civil e o mundo começa pela engenharia, então eu fui fazer curso de mecânica, mas, por Ter feito esse curso de mecânica eu cheguei à conclusão que eu não dava pra esse negócio e embora eu tenha me formado técnico, com grande generosidade dos meus professores lá do CEFET, eu não exerci a profissão e daí pra frente acredito que tem menos influência familiar na escolha, né, embora minha mãe fosse professora, desestimulava a escolha, nem era professora, nessa época ainda não exercia o magistério, ela trabalhava como orientadora educacional, não era pedagoga, meu pai, eh, acreditava que eu fosse fazer engenharia e quando eu ingressei no curso de História a pergunta que ele me fez foi como é que eu ia ganhar a vida, porque eu tava fazendo alguma coisa que não era uma profissão das mais recomendadas, né. Mas eu decidi que ia cursar História junto com mais dois amigos, num dia que na terceira série do 2º grau, a gente tava fazendo um lanche, tinha um intervalo de 20 minutos pra fazer lanche nessa época, e a gente procurava um lugar que prá chegar demorasse os 20 minutos, que aí a gente ia demorar pelo menos mais 20 minutos lá, mais 20 para voltar e ia passar bem mais tempo, e aí discutindo onde, eh... o que fazer pro vestibular, já sabendo que não ia fazer engenharia, não... nenhum daqueles... acho que era um grupo d'uns 4 ou 5, um fez Letras, outro não lembro exatamente o que ele fez e três resolveram fazer História porque o que fez letras deu idéia "História deve ser legal!", e aí a gente resolveu fazer História. Então, a minha formação não decorre diretamente, a não ser por rejeição, da ... do ambiente familiar, mas as condições para que eu pudesse estudar eh.. e chegar ao nível

superior decorreram do fato de eu vim de uma família de assalariados médios com curso superior, que estimulou isso tudo.

8) E que tipo de aluno você era ?

R: Isso... bom... eu era um aluno que tinha muita facilidade até o ingresso no CEFET, quer dizer, o CEFET era uma prova bastante concorrida, um vestibular com grande concorrência, até a 8ª série eu tive grandes facilidades no conjunto das disciplinas, e não... mas era um aluno extremamente eh... malandro, então embora eu tivesse boas notas e tudo, eu não gostava muito de estudar, não; chegava na escola um pouco mais cedo, copiava o trabalho dos cadernos dois amigos e gostava de passar o dia fazendo outras coisas, embora gostasse muito de ler. Ah... na 8ª série eu fiz um curso preparatório, Colégio Curso Martins, né, junto com a 8ª série e passei com alguma facilidade lá pro curso de mecânica no CEFET. No 2º grau aí aquele lado mais vadio e adolescência me tornaram um aluno ainda pior. A rejeição à escola, era uma escola que funcionava ainda com a mesma direção desde o início da ditadura militar, né, uma direção indicada pelo MEC e que, embora já estivesse se vivendo, eu ingressei lá em 80 até 82, embora já se estivesse começando a viver o clima de abertura política, a escola era extremamente castradora, então não podia ter ajuntamento de mais de 5 alunos no pátio que vinha alguém da Disciplina perguntar o que que tava acontecendo, não podia ter... era um pátio bonito, um grande jardim, mas não podia ter muita gente alieh... existia, no ano que eu ingressei, acho que, ou no ano seguinte, a tentativa de colocar crachás para identificar mais facilmente os alunos, era a Disciplina que ficava preocupada com isso, então tinha uma certa rejeição à escola, aquelas crises da adolescência, era um péssimo aluno. Eu lembro que eu passei em todos os anos mas porque lá tinha um dispositivo da dependência, que fazia com que se pudesse repetir, então eu repeti uma disciplina num ano, nos outros eu passei com aquelas médias igualzinha a 5, aprendi nessa época estratégias muito boas para colar, bem melhores do que estudar, por sinal, e eu gostava muito nessa época de ler, de jogar basquete, fazer exercícios físicos, e, bom, era o que eu fazia mais.

9) Ler o quê ?

R: Lê... na adolescência eu lia de tudo um pouco mas lia mal (diria assim ?) não tinha muita preferência. Lia romances policiais, lia literatura brasileira mais best seller tipo Jorge Amado, lia tudo o que tinha em casa, lia mais literatura e gostava de ler História, mas eh... livros de História, mas lia mais livros que eram recomendados, não como livros didáticos, mas como obras de referência tipo História Geral da Civilização, né, eu lembro que li História da Civilização Ocidental, do (?) e na época eu achava que História, o que era legal em História era História Antiga. Eu lia coisas de Grécia, de Roma. Acho que eu era um péssimo leitor porque eu não lembro de nada disso, e também não foi por aí que eu depois quando ingressei em História comecei a me interessá mais, né.

10) E você participava do Movimento Estudantil ?

R: Na época do 2º grau não existia movimento estudantil no CEFET. Na verdade ah... o grêmio tinha sido extremamente ativo nas mobilizações de 68, né, contam os estudantes da época que quando precisava de massa na rua os universitários tinham que buscar os estudantes secundaristas, hoje, na época do Collor, a gente acabou confirmando um pouco isso, né, e o grêmio estudantil de lá era

extremamente ativo até 68, depois a repressão dizimou esse movimento. Quem pode contar isso um pouco melhor porque foi aluna de lá na época é a professora Virgínia Fontes né, e depois disso não houve mais movimento estudantil lá, quando eu estudei eu acho que o movimento de resistência mais forte foi esse contra o crachá, mas era uma bobagem, uma coisa de cotidiano e depois um movimento pela reimplantação da possibilidade de usar bermudas dentro da escola. Isso aí foi o máximo que se teve de movimento estudantil. Depois, quando eu saí, começou a se produzir um jornal de estudantes que foi o embrião pra reorganização do grêmio. Por coincidências da vida, tem um aluno, um ex-aluno de História, hoje quase doutor pela Unicamp que foi mais tarde meu bolsista, chamado Denilson Botelho, que além de tudo é casado com a professora Glayds, e o Denilson foi o editor desse jornal lá na época; qué dizer, o CEFET tem várias redes que a gente vai encontrando depois... não é. E, desse jornal, depois eu voltei como professor de lá, em 87 [interrupção na fala do professor, por um aluno que entra na sala querendo informações] voltei como professor de lá em 87, em 87 se obteve, eh, se organizou o grêmio estudantil, mas aí já bem depois de eu ter me formado. Na universidade a ... o ... a história da UFRJ, do IFCS com um todo, não tinha Centro Acadêmico porque na reorganização do movimento estudantil, final dos anos 70, início dos anos 80, houve grande disputa política entre as correntes organizadas da esquerda, no, dentro do IFCS há.. Na época, as correntes mais fortes do PC do B, o próprio partidão o PCB, o MR-8 e o que tava em formação que era o PT, não é, com vários grupos aí no seu interior do movimento estudantil, né. Eh... cada uma dessas correntes se identificava às vezes com outro nome no movimento estudantil, mas... E a, a disputa política era tão grande que chegava a a um descolamento da maioria dos estudantes e às vezes a um nível de violência, às vezes violência física, tinha muita pancadaria também. E aí uma chapa, havia uma influência anarquista forte, acho que um ano mais ou menos antes d'eu entrar, uma chapa se candidatou dizendo que se ganhasse a eleição ia fechá o, o diretório acadêmico. Ganhou a eleição, fechou o diretório acadêmico e eu passei os 4 anos dentro do IFCS sem também ter o diretório acadêmico, então não tinha uma entrada muito fácil no movimento estudantil porque não tinha organização de base dentro do IFCS. Então como você vê, por motivos diferentes eu sempre, depois que eu saí, foi reorganizado, então sempre tive essa dificuldade. No entanto houve greve estudantil no período que eu estudei lá, o IFCS foi um dos pólos de agitação da greve em torno da questão da alimentação, do bandejão principalmente, né, eh... agora já não lembro em que ano, teve uma greve, e eu no final já do período, em 86, no final do meu período de graduação fui eleito representante estudantil na plenária departamental. Essa, esse foi o máximo de entrada no movimento estudantil que eu tive, o que de certa forma foi pouco em termos de experiência política, mas foi bom porque a experiência política do movimento estudantil nessa época era muito vinculada à, às organizações, às disputas das organizações e era muito marcada por discursos prontos, acabados, era, é uma fase de reorganização do movimento estudantil que ele não tinha nem muito poder de mobilização e nem muita originalidade política. Então, eh... algumas pessoas que foram mais ativas no movimento estudantil nessa época reclamam, eh... de uma fase ruim, assim, em

termos de início, de introdução no movimento organizado, né. Mas, de qualquer forma era, foi isso que eu encontrei.

11) E desse seu tempo de aluno no CEFET, teve algum professor que ficou marcado, como referência positiva ou negativa ?

R: Não, negativa teve, mas.... eh... principalmente aquele que me reprovou, nas disciplina que eu fui reprovado, mas quando eu fui dá aula era engraçado porque eh... era uma pessoa que foi sempre muito gentil comigo como professor depois, e era próxima, mas eu nunca consegui esquecê da... daquela reprovação né, eh...e como referências positivas eu tive excelentes professores, eu me lembro que eu tive um professor de nome Coutinho, de Matemática, mas como eu era um aluno muito ruim eu não aproveitava muito aquilo, né, então eu com algumas recuperações e médias mínimas eu passei os dois anos lá em matemática. Mesmo prum aluno ruim, o ensino de lá era muito bom. Quando eu fiz vestibular pra entrar na universidade eu tive notas comparadas, porque era desvio padrão, era Cesgranrio ainda na época, média muito superior em matemática, química, física à média geral; fiz pontuação na primeira fase equivalente a de colegas que passaram pra engenharia na UFRJ. Em compensação tive grandes dificuldades na Segunda fase, porque História e Geografia eram disciplinas que eu tinha tido um ano de História e Geografia, né, então a Segunda fase era História, Geografia, Redação. Eu escrevia pessimamente, escrevia muito mal, e eram disciplinas que eu fui estudar para fazer o vestibular, e como eu fiz um vestibular diletante, achando aquilo brincadeira, também não tinha estudado tanto, então embora eu fosse um péssimo aluno eu tinha muito mais formação nas disciplinas de, da área que a gente costuma chamar de exatas do que na área de humanas, né.

12) E o seu processo de escolher História foi esse caso que você contou...

R: É... eu sempre achei que gostava daquilo, desde a, o início da minha formação aí, quando comecei a Ter aula de História, no primeiro segmento do primeiro grau, mas até em outros momentos tinha pensado que uma Segunda faculdade, uma faculdade só por diletantismo podia ser História. Então a primeira ia sê alguma que me fizesse tê uma profissão digna, né, que desse dinheiro, era assim que eu raciocinava na época. Depois eu ingressei na universidade, eu ainda estava na expectativa de fazer estágio como técnico, porque pra tê o diploma de técnico precisava do estágio. Mas eu Não queria muito aquilo, porque eu não sabia nada e eu achava que se eu fosse entrá no estágio eu ia sê devorado pelo trabalho. Como eu era muito jovem, as empresas públicas e as grandes empresas tendiam a não contratá, porque eu ainda não tinha passado pela fase do serviço militar obrigatório. Então mesmo prá estágio era mais difícil. E quando eu era chamado, existia um serviço de integração escola-empresa, ah..., lá no CEFET, e quando eles me chamavam pro estágio eu chegava lá e dizia: “Olha, eu só posso meio expediente, porque, ah, por causa da faculdade”, mas eh... tem outro lado, pra vê se já não aparecia, então eu fui à uns 3, 4, fiz umas provas, mas nunca entrei e não fiz. E na faculdade eu fazia duas disciplinas só no primeiro semestre porque eu dizia que ia fazer estágio, então eu tinha que fazê poucas disciplinas. Daí, qué dizê, não era bem uma entrada, sim diversão. Só que acabou acontecendo de como eu tê, tinha essa formação eh, muito técnica, e vinha da ditadura militar, estudos sociais, qué dizê, minha formação em História era reduzidíssima, não é, mesmo pra, pro ensino fundamental. A primeira disciplina que eu encarei, ah.... é

legal dizê que a UFRJ tinha passado por uma reformulação curricular em 1982, se eu não me engano, essa reformulação se fechô, e era um currículo um pouco semelhante ao que existe aqui na UFF hoje, muita opção de disciplina embora não tivesse um direcionamento por eixo. E existiam disciplinas que todos tinham que fazê, mas não pré-requisitos. Só existia um pré-requisito que era metodologia da História que se cursava no primeiro semestre. Quando eu ingressei nessa Metodologia da História eu descobri que eu era analfabeto e eu fui obrigado a lê muito. De tudo. E aquela leitura ruim de aluno de primeiro período que ouvi a professora falá em sala de aula; “ Não, isso aqui deriva da, deriva do Marx na Ideologia Alemã”, aí ia lá e lia a Ideologia Alemã toda, mas não entendia nada. “- Isso aqui tem a ver com Weber, d'A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.”, lia tudo e num entendia nada. Eh... e assim fui lendo, e entendendo um pouquinho de cada coisa, e fui começando a entrá. Nessa época, acho que quem mais ajudô a minha formação foi o Centro Cultural Brasil Alemanha, que tinha uma biblioteca muito boa no centro do Rio, onde eu podia pegá livros à vontade. Então eu li muito graças à essa biblioteca, porque a biblioteca da universidade era desmontada, foi totalmente desmontada durante a ditadura, né, então isso que me ajudô aí na minha formação inicial. Mas já não lembro nem qual era a pergunta de início...

13) A pergunta é como que você escolheu estudá História, e como se deu esse processo....

R: Isso. Então depois desse primeiro semestre, com esse relação meio duvidosa ainda com aquele curso, eu acabei eh... caindo de boca, gostei muito e fui eh... dali pra frente fiz o curso com mais seriedade e resolvi que aquilo realmente era a área da minha formação.

14) Com quais objetivos ?

R: Naquela época única e exclusivamente com o objetivo de, de cursá uma universidade naquela área e de trabalhá no que aparecesse relacionado àquela área. Eu me formei eh... eu cursei a graduação numa época que existiam muito poucas oportunidades de trabalho em pesquisa, né, o CNPq oferecia pouquíssimas bolsas, a UFRJ tinha um quadro de professores pouco qualificado, e portanto pouco propensos a receber e fazer projetos, receber financiamentos, Ter bolsas de pesquisa e existiam poucas instituições que davam estágios na área de pesquisa. Era basicamente a Fundação Getúlio Vargas, no CPDoc, a Casa de Benjamim Constant, eh.. e se abriu na época um campo de estágio na área de pesquisa que foi a Casa de Oswaldo Cruz, a Fiocruz, onde muitos contemporâneos meus de graduação lá da UFRJ foram estagiários e depois foram pesquisadores, não é. A UFRJ oferecia, já no final da minha graduação ofereceu algumas bolsas internamente, né, bolsas de pesquisa da própria universidade. Nessa época eu fiz um projeto e tive uma bolsa de pesquisa, né... eh, era possível fazer um projeto de pesquisa o próprio aluno de graduação, precisava apenas eh... ter uma carta de um orientador dizendo que o orientaria, então eu fiz um projeto, tive uma bolsa de pesquisa no último ano da faculdade, mas essa era uma bolsa merrequinha, como as bolsas de monitoria, como são aqui hoje. Eu fui monitor, antes de História do Brasil, também. Então a única possibilidade profissional que aparecia era o magistério. O magistério que eu achava que não era a minha praia, porque eu achava que não saberia dar aula, mas, como era a

única possibilidade profissional eu aparecia, tão logo eu tive possibilidade, eu tentei dar aulas. Dei aulas particulares, pra ganhar um trocado porque embora eu tivesse uma família que sustentava a minha manutenção enquanto eu estudava na universidade, eu passava por aquelas crises de achar que era um grande vagabundo, porque afinal de contas eu tinha uma profissão, não tinha exercido, era o curso técnico em mecânica, tinha muitos amigos que trabalhavam, então tentei expedientes aí, mas não deram muito certo. E comecei realmente a trabalhar no último ano da universidade, quando, eh..., antes eu tinha sido monitor, tinha dado aulas particulares, quando eu tive a oportunidade de fazer um estágio no CEFET, onde eu tinha sido aluno e onde eu tinha relações familiares, minha mãe dava aula lá, amizade, era época da ditadura militar se desmontando mas ainda ficava a mesma política do serviço público, então não tinha concursos públicos, não tinha contratação, tinha várias formas de contratos precários, eh, professor que ganhava por hora-aula, e eu comecei a trabalhar lá como estagiário, e era um contrato mais precário ainda; era uma outra merrequinha que eu recebia. No meio do meu último ano de graduação eu comecei a dá aula num curso que foi importantíssimo pra mim que era o curso pré-vestibular do projeto Universidade dos Trabalhadores da Associação de Servidores da UFRJ, que se transformou depois no Sindicato dos Trabalhadores da UFRJ, hoje SINTUFERJ, na época ASSUFERJ. Esse curso era voltado primeiro para funcionários e depois para funcionários, filhos de funcionários e sindicalizados ou militantes dos movimentos sociais, numa cota menor. Eh... e aí nesse ano eu tinha uma bolsa de pesquisa da eh... da própria UFRJ, uma bolsa pra dá aula nesse curso, uma bolsa de estagiário do CEFET, juntando tudo não dava nem um salário, mas a minha introdução profissional, então, a partir daí, meu objetivo ao final da formação passou a ser mais claro, como objetivo de eh... eh... profissionalmente trabalhá tanto no magistério quanto na pesquisa em História, né.

15) E por que foi tão importante esse trabalho de professor no curso do ASSUFERJ ?

R: Eh... o curso pré-vestibular pra mim teve várias entradas, né. Eh, como eu falei, nessa época eu tava também representando os estudantes, junto com outros, mas representando os estudantes na, no colegiado departamental. O curso era um curso do Sindicato, embora fosse um curso pré-vestibular, voltado para aprovar pessoas no vestibular, conteúdo, tudo, ele tinha esse caráter de formação sindical implícito. Então eu acabei entrando no curso, de um lado eh... me deparando, o curso foi todo ele montado, seus professores eram alunos e o contato do sindicato era o movimento estudantil, então ele foi todo montado em cima da militância dos diretórios acadêmicos, dos centros acadêmicos. Só na História que isso não foi possível porque isso não existia, o diretório acadêmico, não existia centro acadêmico, e por relações pessoais acabaram me indicando pra trabalhar no curso. Então o curso tinha esse lado de formação política que pra mim foi muito importante. Eu comecei a Ter contato com os estudantes no CEFET, no 1º semestre daquele ano. Eram estudantes da 1ª série do 2º grau. Era pra mim eh... interessante, porque eu tinha trabalhado lá, porque eu tinha estudado lá antes de ir trabalhar, porque eu era muito jovem, tinha uma idade próxima daquelas pessoas, mesmo dando aula pra 1ª série do 2º grau eu tinha, na época que comecei a dá aula, 19 anos, então tinha na sala alunos que tinha uma idade até

bem próxima da minha, né. Mas, eram alunos com um interesse muito pequeno pela História, que era uma disciplina que eles tinham durante um ano e que não lhes parecia uma disciplina das mais interessantes, eles tavam ingressando num curso técnico, eram adolescentes, então você tinha que lidar com o furor natural da idade, não é, e embora fosse uma experiência excelente para mim, era para mim, aprender a dá aula; não era exatamente o que eu visse resultado muito positivo dos alunos, embora isso sempre existisse, eu continuei dando aula lá durante alguns anos e fosse bastante interessante as respostas que eu tinha em certos momentos, mas no curso pré-vestibular, além dessa questão da introdução na formação política a partir da área do ensino, da educação, nesse contato com o sindicato, por aí, eu tive alunos que eram trabalhadores que depois de 10, 15 anos resolveram voltá a estudá, né. E isso era muito interessante porque esses alunos davam um retorno muito grande, não apenas de aprovação no vestibular, o curso existe até hoje, aprova um percentual razoável de seus alunos nas provas de vestibular prás universidades públicas, principalmente, mas porque eram pessoas que estavam ávidas de conhecimento, de contato coletivo, da sala de aula, do estudo, né, da novidade que era retorná à escola às vezes com 40, 50, 60 anos de idade, né. Então isso foi muito importante para mim. Foi importante também porque eu fiz de tudo nesse curso. Eu dava aula, fazia as apostilas, era uma equipe de, que flutuou entre 4, eu trabalhei durante 3 anos e meio lá, não é, e flutuou entre 4 e 6 professores, tão à vezes a gente exercia a coordenação da equipe, participava de reuniões pra montá o próprio projeto, era um projeto dentro do sindicato, então tinha aquela tradição mais democrática da discussão coletiva, então aí eu me introduzi numa série de coisas que estavam ligadas à área educacional mas que não era só a sala de aula, enquanto no CEFET eu era só um professor que entrava em aula, em sala, dava aula e ia embora, né. Isso também foi importante pra minha formação, foi quando eu tive, fui obrigado a aprendê a escrevê, pensando que alguém ia tê que lê o que eu escrevi, além do professor que corrigia o que eu escrevia, então eu num tinha que pensá como agradá àquele professor, escrever as coisas que eu achava que ele queria que eu escrevesse, porque era assim que normalmente a gente fazia as coisas na universidade, né, e eu passava a escrevê prá sê entendido. Isso também era muito importante, eh, por isso que foi uma experiência muito rica. Depois, com o passar dos anos nesse curso, ele se abriu prá além de funcionários, né, eu já disse isso, prá militantes do movimento social organizado e aí eu tive contato com alguns militantes do movimento sindical, principalmente do Rio de Janeiro, com os quais eu travei contato depois, mais tarde. Talvez esse curso tenha sido a porta de entrada pro trabalho que eu desenvolvi como tese eh... de doutorado mais tarde, ou pelo menos um primeiro contato com o movimento sindical que me abriu, pelo contato com esses militantes, o interesse em pensá o sindicalismo recente no Brasil, né. Então esse curso teve várias importância aí pra mim, né.

16) E se você não fosse historiador, você seria o quê ?

R: Se eu não fosse historiador eu poderia ser engenheiro frustrado, poderia, se eu tivesse uns dez ou quinze centímetros a mais, eu certamente teria optado por ser jogador de basquete, pensei, na época da universidade, em fazer também um mas, pensei, então, quando eu tava na universidade, em fazer educação física, pra dá aula de educação física, pensava em ser professor nessa área que eu

gostava, que era de basquete ou, sei lá, podia tê sido muitas outras coisas... Eu aprendi a fazê fotografia uma época, podia tê sido fotógrafo, podia eh... podia não tê sido nada, podia tê dado errado, tá encostado aí até hoje....

17) Podia, podia e podia..... Mas queria alguma outra coisa ?

R: Não. Depois que eu comecei a cursar a universidade eh.... acho que lá pelo meio do 1º semestre dentro da universidade eu já tava resolvido a fazer isso.

18) E qual era o conceito do curso de História da UFRJ ?

R: Aí tem outra história que é mais pitoresca, né, porque quando eu escolhi fazê História, eu claro que ia fazê numa universidade pública, eu não ia pensá na possibilidade, eu já estudava numa escola pública, não pagava nada, não ia pensa na possibilidade de pagá uma graduação, ainda mais numa situação em que num, num tinha necessidade, não fazia sentido, isso. Mas esse era o meu único conceito em relação à universidade pública. Era de graça. E aí eu pensava: eu vô fazê naquela que fô mais perto da minha casa. A mais perto da minha casa era a UERJ, então a minha 1ª opção seria UERJ, porque eu imaginava que UFRJ era Fundão, então era muito longe da minha casa. Mas aí um amigo, quando a gente decidiu isso, um dos três que fez esse curso comigo lá na UFRJ, o a graduação toda, deu aula comigo nesse curso pré-vestibular, né, e o outyro que fez História fez graduação no início na Santa Úrsula e depois na UERJ, foi professor do CEFET na época que eu saí também, fez um concurso e foi dá aula lá, fez mestrado e tava fazendo doutorado na UFRJ quando faleceu, o Miguel, então, bom.... nós três discutindo qual seria a 1ª opção pra fazê o vestibular o Antônio, que foi esse que cursô comigo a graduação chegou com a novidade de que, embora tivesse escrito no caderno de vestibular que era Fundão, História funcionava no Largo de São Francisco, e ele ainda disse: “ - Pô, lá é bem legal; o prédio é velho, têm uns hippie na porta, vendem buginganga, acho que lá é que é o mais legal.” E eu falei: “ Bom, Largo de São Francisco é bom, porque tem um ônibus que tem ponto final, passa na minha casa e o ponto final é lá, então é lá que eu vô fazê.” Então não tinha a mínima idéia do que era conceito de Universidade na época. A UFF, por exemplo, pra mim era em Niterói, era outro mundo, não tinha... eu morava em Jacarepaguá e imagina se eu ia estudá em Niterói, né. Ah... o que na época já mostrava que eu não tava muito convicto do estágio, porque a UFF era a única que tinha curso à noite, a UERJ ta... não lembro se na época a UERJ já tinha curso à noite, não lembro comé que era. Mas eu nem pensei nessa possibilidade. Quando eu entrei na universidade eu também não tinha muita noção, então aos poucos eu fui descobrindo o seguinte: o curso da UFRJ não era o mais conceituado, o curso mais conceituado já era o daqui da Universidade Federal Fluminense e o curso da UFRJ foi vítima de uma forma muito mais dura da ditadura militar. O seu quadro docente tinha sido mais atingido pelas cassações, pelas aposentadorias, pelo exílio, né, era um curso que tinha, já como professoras titulares, algumas das eh... das historiadoras de ponta da época, como era o caso da Eulália Lobo, da Maria Yeda Linhares, que depois retornaram à UFRJ e também deram aula aqui na UFF, né, e que tinha um quadro, né, de professores assistentes, na época, ou auxiliares de ensino que eram convidados pelos titulares, os titulares, era época da... os titulares, eu tô usando a expressão errada, catedráticos, né, era época da cátedra, um quadro já muito bom, entre eles alguns dos quais eu voltei a Ter contato. No caso da área

de História do Brasil , era o caso do Manuel Maurício de Albuquerque, que infelizmente faleceu pouco antes d'eu entrar na UFRJ, mas tinha sido anistiado, voltado pra dá aula, e do José Luiz Werneck da Silva, que além de Ter sido um fantástico professor de História do Brasil na época que eu estudei lá, foi quem escreveu essa história da UFRJ, relatando como ela tinha sido desmontada pela ditadura militar e a figura chave aí pra, pra esse desmonte foi diretor do ICHF durante alguns anos, chefe do departamento em outras e é o cagoete esse tempo todo que era o Eremildo Viana, que contribuiu para a mediocrização do curso de História lá e era o lambe-botas da ditadura aí, reconhecido e registrado por muita gente, né. Então quando eu entrei o curso tava passando por uma renovação por conta de uma discussão curricular que tinha sido puxada principalmente pelos alunos e havia uma série de opções de disciplinas a serem oferecidas. No entanto, os professores eram, em grande parte, professores que vinham da época da ditadura, desse período aí de transição do final da ditadura, que vinham da época do Eremildo Viana, portanto, né, e alguns professores novos que tavam sendo recém contratados ainda dentro de uma dinâmica muito complicada, política interna ao departamento e que as reformas curriculares tinham sido puxadas pelos estudantes mas tinham como base de apoio uma aliança que existia dentro do departamento entre setores ligados ao, professores, né, ligados ao Partido Comunista Brasileiro, alguns ligados ao PT, que seriam a esquerda do departamento na época, e eh... essa ligação aí de alguns professores com o círculo político dentro da UFRJ fazia com que a seleção de professores às vezes fosse viciada também por essas... por essa questão aí de opções de tendências, ou até familiares, existia uma família, existe até hoje uma família que tem vários professores lá, né, pai, mulher, filho, né, então tinha limites mesmo nessas contratação de novos professores não era uma coisa muito garantida aí eh... a qualidade do corpo docente, mas principalmente por conta do que vinha da ditadura militar. O processo de renovação foi mais longo, me parece que a UFRJ renovou bem, bastante seu quadro docente, hoje, quinze anos depois aí de eu ter me formado, isso não se aplicaria mais, mas então significava na época que o curso tinha um bom currículo mas esse bom currículo não era executado. Os professores repetiam sempre as mesmas disciplinas, então na verdade a gente não tinha opções de curso, tinha que fazer sempre as mesmas. O curso era, no geral, eu diria, de medíocre pra médio, né, o curso de graduação que eu fiz. No entanto, eu tive estímulo, aí, de alguns bons professores, e... alguns poucos bons professores, mas, eh, eu já citei, tive pelo menos um excelente professor, às vezes ele tava de ressaca e não ia dá aula de manhã, mas quando ia dava excelentes aulas, que era o Luiz José Werneck da Silva, né, e o Werneck como a gente chamava, é melhor falar o nome trodo antes porque têm muitos Wernecks, né, o Nelson Werneck Sodré, Werneck Vianna, então às vezes sempre faziam confusão com o nome dele. E o Werneck coo a gente chamava era, talvez, o o único exemplo que eu possa citá, assim, de boca cheia, eu tive um excelente professor na minha graduação. Tão minha formação de graduação foi muito mais rica do que eu tive de paralelo à sala de aula do que, do que eu tive na sala de aula. Eu já falei do final, das experiências de trabalho, principiamente das... das experiências de ensino, né, mas durante a graduação eu pude cursá logo no 1º ano, eu fiz um curso, existia na época uma entidade privada que fornecia uns

cursos alternativos, reunindo principalmente a intelectualidade de esquerda, chamada Univerta, né, e ela fazia cursos, eu fiz um curso na Univerta, fiz vários, mas eu lembro dos principais, eu fiz um curso que foi no centenário da morte do Marx e.... eh.... um curso muito bom, que me abriu contato com os intelectuais de esquerda, alguns eram professores da UFRJ, como era o caso do Franklin (?) da Filosofia, e outros não, mas depois eu vim a ter contatos profissionais com eles como era o caso do Leandro Konder, aqui, professor da UFF durante um longo tempo, né. E depois desse curso eu fiz um outro que foi organizado por dois professores aqui da UFF, o André Campos e o Carlos Addor, que era um curso de História Social da República, que durou vários meses, reunia professores do Rio, de São Paulo, a nata do que tava se produzindo de novo naquela época. Isso em 83, né. E esse curso me definiu um interesse, por história do Brasil. Aí eu voltei, eu tinha feito naquele semestre, em paralelo a esse curso, na universidade mesmo, eu tinha feito uma História do Brasil I, que lá era Colônia. Eu queria estudar República, depois desse curso. E aí ah.... República pela 1ª vez ia ser oferecido os dois cursos, era História do Brasil III e IV, era República, né, um ia até 30, e o outro pós 30. Pela primeira vez o Werneck que eu mencionei ia dá esses dois cursos. Pra fazer III e IV eu falei, não tinha pré-requisito, né, mas eu falei : “ Bom, eu devia Ter feito o II.” Aí eu me inscrevi em História do Brasil II, III e IV no mesmo período, né, coisa que eu reprovava, mas muitos alunos meus ainda fazem até hoje. E tive a oportunidade, foi um período que teve greve, não foi um período completo, a gente acabou tendo muito eh... uma parte pequena aí das aulas, teve reposição, mas não foi um período completo, mas eu eh... depois daquele curso fora e dos dois cursos com o Werneck em Brasil República em comecei a me interessar mais por isso. Então, minha formação, depois eu fiz prova pra monitoria de Brasil, só tinha dois candidatos, eu passei, o outro também passou, não era uma coisa muito difícil [risos], dá pra perceber, mas me chamaram primeiro pra trabalhar, então posso dizer que eu fui o primeiro colocado no concurso de monitor de História do Brasil que pagava uma merrequinha, como paga até hoje, (tosse) e nesse época minha formação não era grandes coisas lá, mas eu tentava compensar com o que eu podia vê na época. Lá pelo meio do curso eu tive o primeiro contato com a UFF, porque houve um curso organizado aqui, não era um curso, um seminário organizado aqui, e que reuniu também historiadores, cientistas sociais expressivos, foi organizado por pessoas do departamento de História e as aulas eram no Direito, foi... foram as primeiras vezes que eu vim à Niterói, à UFF, tive algum contato com a UFF. Nessa época eu já sabia que o curso de História da UFF era mais conceituado, e já sabia que o curso da História.... de História da UFRJ não era um bom curso, então foi por aí mais ou menos que eu comecei a definir uma opção que se um dia eu tivesse que fazê uma pós-graduação não fazê na UFRJ e fazê aqui.

[eu acho que tá no seu horário; são 5 horas e, a gente continua depois...

R: Tá.]